

ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS EM *ALÁ E AS CRIANÇAS-SOLDADOS*, DE AHMADOU KOUROUMA

TRANSLATION STRATEGIES USED IN *ALÁ E AS CRIANÇAS-SOLDADOS*, BY AHMADOU KOUROUMA

Maria Teresa RABELO RAFAEL*
<https://orcid.org/0000-0002-6438-0327>

Resumo: O presente artigo propõe um estudo de caso da tradução brasileira do romance *Alá e as crianças-soldados* (2003), do escritor marfinense Ahmadou Kourouma. Inicialmente, serão tecidas breves considerações sobre a produção literária do escritor, a publicação de suas obras no Brasil e a inserção da língua malinquê na narrativa em questão. Quanto à análise tradutológica, será estudado o papel das notas de rodapé da tradutora Flávia Nascimento e, em seguida, dado o hibridismo linguístico e cultural que caracteriza o romance, será analisado se os vocabulários e as expressões oriundas da língua/cultura malinquê foram mantidas ou se as estratégias utilizadas pela tradutora incorreram no seu apagamento. Nesse contexto, para refletir sobre as negociações tradutológicas realizadas no texto de chegada, serão norteadores os conceitos de tradução estrangeirizadora e domesticadora, de Lawrence Venuti (2002), e as tendências deformadoras da tradução, de Antoine Berman (2007). A pesquisa mostrou que, ao subverter o português à norma e à lógica da língua/cultura malinquê, a tradução brasileira se distanciou de uma perspectiva domesticadora, em que os traços culturais e linguísticos da língua de origem são adaptados à língua/cultura de chegada.

Palavras-chave: Literatura africana; *Alá e as crianças-soldados*; *Allah n'est pas obligé*; Ahmadou Kourouma; Tradução.

Abstract: This article proposes a case study of the Brazilian translation of the novel *Alá e as crianças-soldados* (2003) written by Ivorian writer Ahmadou Kourouma. Initially, we will make a few considerations on the writer's literary production, the publication of his works in Brazil, and the insertion of the Malinke language in this narrative. As for translation analysis, we will study the role of footnotes left by translator Flávia Nascimento and, then, given the linguistic and cultural hybridity characteristic of the novel, we will analyze whether words and expressions from the Malinke language/culture were maintained or erased by the strategies used by the translator. In this context, we will use the theoretical support of concepts of translation foreignization and domestication (Venuti, 2002), as well as translation deforming tendencies (Berman, 2007) to guide the reflections on translational negotiations carried out in the target text. The research showed that by subverting Portuguese to the norm and logic of the Malinke language/culture, Brazilian translation distanced itself from a domesticating perspective, in which the cultural and linguistic traits of the source language are adapted to the target language/culture.

Keywords: African literature; *Alá e as crianças-soldados*; *Allah n'est pas obligé*; Ahmadou Kourouma; Translation.

* Professora de francês e português do Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão, doutora, maria.rafael@ufma.br.

A produção literária do escritor marfinense Ahmadou Kourouma (1927-2003) compreende cinco romances¹, uma peça de teatro² e cinco obras de literatura infantil³. À exceção do seu primeiro romance, *Les soleils des indépendances* (1968), que teve primeira edição pela Presses de l'Université de Montréal, todas as suas demais obras foram editadas, inicialmente, por editoras francesas renomadas, como Seuil, Éditions Acoria, Grandir e Gallimard.

Algumas de suas obras receberam diversos prêmios (Quadro 1) que podem ser compreendidos como o produto do valor literário que uma edição parisiense pode fornecer. Para Pascale Casanova, visto que o prêmio é o resultado de uma avaliação, um tipo de julgamento de importância, esse tipo de instância consagradora age como uma “espécie de metamorfose quase mágica que transforma um material comum em ‘ouro’, em valor literário absoluto” (CASANOVA, 2002, p. 162).

Para além dessas edições francesas que atuaram como crédito de validação sobre a literariedade de suas obras, permitindo que elas circulassem sem atraso, as traduções para outras dezesseis línguas também ajudaram a legitimar as suas produções, uma vez que a tradução é a grande instância de consagração, via de acesso principal ao universo literário para todos os escritores “excêntricos” (CASANOVA, 2002).

Quadro 1 - Obras premiadas de Ahmadou Kourouma

Obra	Prêmio	Ano de primeira edição da obra
<i>Les soleils des indépendances</i>	Revue Études françaises	1968
<i>Monnè, outrages et défis</i>	Grand prix littéraire d'Afrique noire	1990
<i>En attendant le vote des bêtes sauvages</i>	Livre Inter	1999
<i>Allah n'est pas obligé</i>	Renaudot	2000
<i>Allah n'est pas obligé</i>	Goncourt des Lycéens	2000
<i>Allah n'est pas obligé</i>	Amerigo-Vespucci	2000
Conjunto de sua produção	Jean-Giono	2000

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

¹ *Les soleils des indépendances* (1968), *Monnè, outrages et défis* (1990), *En attendant le vote des bêtes sauvages* (1998), *Allah n'est pas obligé* (2000) e *Quand on refuse on dit non* (2004).

² *Le Diseur de vérité* (1998).

³ *Le Griot, homme de paroles* (1999), *Le Chasseur, héros africain* (1999), *Le Forgeron, homme de savoir* (2000), *Prince, Suzerain actif* (2000) e *Yacouba, chasseur africain* (1998).

Quanto às suas obras publicadas no Brasil, Ahmadou Kourouma teve seu primeiro romance traduzido, em 1970, pela editora Nova Fronteira, com o título *O sol das Independências*, com tradução de Marisa Murray. Esse romance foi editado através da coleção “Romances da África”, a qual se propunha a divulgar a literatura do chamado Continente Negro. Outras obras, de autoria africana, publicadas por essa coleção foram: *Um fuzil na mão, um poema no bolso* (1974), do congolês Emamuel Dongala, *O velho negro e a medalha* (1975), do camaronês Ferdinand Oyono, e *O bebedor de vinho de palmeira* (1976), do nigeriano Amos Tutuola.

Anos depois, em 2003, foi traduzido, pela editora Estação Liberdade, o romance *Alá e as crianças-soldados*, com tradução de Flávia Nascimento⁴. Essa segunda obra também foi editada através de uma coleção. Como editora independente de porte médio, a Estação Liberdade criou, em 2000, a coleção Latitude, que tinha como foco a tradução das literaturas contemporâneas de expressão francesa de diversas regiões geográficas, especializando-se nas obras de autores francófonos representantes da literatura periférica e do multiculturalismo linguístico (RAFAEL; DANTAS, 2013). As demais obras que estiveram presentes na coleção Latitude foram: *Topografia ideal para uma agressão caracterizada* (2008), do argelino Rachid Boudjedra, *As formigas da estação de Berna e outras ficções* (2002), do suíço Bernard Comment, *Baixo Calão* (2005), do canadense Réjean Ducharme, *A questão humana* (2010), do belga François Emmanuel, *O convidado desconhecido* (2000), do francês Olivier Cadiot, e *Vidas Minúsculas* (2004), do francês Pierre Michon.

Quando se constata a pouca visibilidade de produções literárias africanas de língua francesa no Brasil⁵, chega-se à conclusão de que o financiamento dessas traduções de Ahmadou Kourouma para as letras brasileiras adquire um significado bastante expressivo e não menos revelador. Diante desse contexto, parece-nos pertinente colocar essas duas traduções dos romances de Ahmadou Kourouma no Brasil como um exemplo de tradução-acumulação, à medida que editamos um clássico da literatura africana para o

⁴ Vale destacar que Flávia Nascimento recebeu, em 2004, o prêmio FNAC - Maison de France de melhor tradução de romance de língua francesa com a obra *Alá e as crianças-soldados*.

⁵ Destacamos que o presente artigo é um recorte da tese intitulada: *Campo editorial e circulação da literatura de autoria africana de língua francesa no Brasil: um estudo de caso das estratégias de tradução em Alá e as crianças-soldados, de Ahmadou Kourouma* (2019), de Maria Teresa Rabelo Rafael, com orientação da professora Dra. Marta Pragana Dantas, realizada através do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

português, tornando conhecido para os leitores brasileiros o que foi produzido e consagrado no centro (CASANOVA, 2002).

A inserção da língua malinquê no romance *Allah n'est pas obligé*

As obras de Ahmadou Kourouma tematizam, frequentemente, os regimes políticos ditatoriais que ocuparam o poder, durante o período pós-colonial, no continente africano. O romance *Allah n'est pas obligé* não foge à regra quando nos leva a um dilacerante mergulho nas guerras civis da Libéria, da Costa do Marfim e da Serra Leoa.

O romance conta a história de Birahima, um menino que se torna criança-soldado quando, ao ficar órfão, atravessa uma parte do continente à procura de sua tia sumida na Libéria. O testemunho sarcástico de Birahima vai relatar os inúmeros golpes de Estado, os projetos políticos frustrados, os bloqueios do desenvolvimento econômico-social e a intensa intervenção das grandes potências. Nesse alucinante périplo por vários países da África Ocidental, o pequeno narrador se serve de uma Kalachnikov, da companhia de Yacuba, feiticeiro falsificador de dinheiro, e, para readaptar a língua do branco, da ajuda de quatro dicionários. A utilização desses dicionários reflete o contexto de dualidade e ambiguidade da narrativa, ao fazer uso de duas línguas: uma com seu caráter normatizante e a outra repleta de saberes populares e expressões com tons coloquiais:

Primeiro o dicionário Larousse e o Petit Robert, segundo o Inventário das particularidades lexicais do francês da África negra e terceiro o dicionário Harrap's. Esses dicionários me servem para procurar os palavrões, para verificar os palavrões e principalmente para explicá-los. É preciso explicar porque meu blabláblá é para ser lido por todo tipo de gente: tubabs (tubab significa branco) colonos, pretos nativos selvagens da África e francófonos de tudo que é gabarito (gabarito significa tipo). O Larousse e o Petit Robert me servem para procurar, verificar e explicar os palavrões do francês da França aos pretos nativos da África. O inventário das particularidades lexicais do francês da África explica os palavrões africanos aos tubabs franceses da França. O dicionário Harrap's explica os palavrões pidgin a todo francófono que não entende nada de pidgin⁶ (KOUROUMA, 2003, p. 11-12).

⁶ No original: *Primo le dictionnaire Larousse et Le Petit Robert, secundo l'Inventaire des particularités lexicales du français en Afrique noire et tertio le dictionnaire Harrap's. C'est dictionnaires me servent à chercher les gros mots, à vérifier les gros mots et surtout à les expliquer. Il faut expliquer parce que mon blabláblá est à lire par toute sorte des gens: des toubabs (toubab signifie blanc) colonos, des noirs indigènes sauvages d'Afrique et des francophones de tout gabarit (gabarit signifie genre). Le Larousse et le Petit Robert me permettent de chercher, de vérifier et d'expliquer les gros mots du français de France aux noirs nègres indigènes d'Afrique. L'Inventaire des particularités lexicales du français d'Afrique explique les gros mots africains aux toubabs français de France. Le dictionnaire Harrap's explique les gros mots pidgin à tout francophone qui ne comprend rien de rien au pidgin* (KOUROUMA, 2000, p. 9).

Logo no início da narrativa, Birahima anuncia que não vai empregar o francês normativo, e sim um francês criouliizado, resultado da mistura da língua francesa com a língua malinquê. Diante desse contexto multicultural e multilinguístico, ao inserir na narrativa vocabulários e expressões do contexto malinquê, Ahmadou Kourouma acaba por modificar e desfamiliarizar a sintaxe da língua francesa culta, através de procedimentos que emprestam traços da oralidade à fala do narrador (GASSAMA, 1995).

Tomando como exemplo a passagem abaixo, é possível apreender como a coabitação desses dois modos de enunciação culmina com uma criação estilística que desnuda a língua francesa e veste-a de elementos africanos:

E primeiro...e um...Meu nome é Birahima. Sou um neguinho. Não porque sou black e moleque. Não! Mas sou neguinho porque falo mal francês. Isso aí. Mesmo quando a gente é grande, velho, mesmo quando é árabe, chinês, branco, russo ou até americano, se a gente fala mal francês, a gente fala que nem um neguinho, a gente é um neguinho. Essa é a lei do francês de todo santo dia [...] sou insolente, errado que nem barba de bode e falo como um filho-da-mãe. Eu não falo que nem os outros pretos negros africanos nativos engratados: merda! Puta-que-pariu! Filho da puta! Eu uso as palavras da língua malinquê que nem faforo! (Faforo! significa caralho do meu pai ou do pai do teu pai). Que nem gnamokodê! (Gnamokodê significa filho-da-puta ou puta-que-pariu). Que nem Walahê! (Walahê! significa Em nome de Alá). Os malinquês, essa é minha raça. É o tipo de pretos negros africanos nativos que são numerosos ao norte da Costa do Marfim, na Guiné e em outras repúblicas de bananas estropiadas como a Gâmbia, a Serra Leoa e o Senegal, lá praqueles lados⁷, etc. (KOUROUMA, 2003, p. 9-11).

Por esse ângulo, essa africanização da língua francesa nos parece ser uma forma de descentralizar a literatura, ao fazer uso de uma linguagem que não faz parte das tendências do campo literário. Nesse sentido, as palavras de Thomas Bonnici (2009) são bastante esclarecedoras, quando afirma que o procedimento de criouliização da língua europeia faz parte de um projeto de descolonização da literatura, ao denunciar o estrago colonial revelado pela diáspora e ampliar o cânone literário.

⁷ No original: *Et d'abord...et un...M'appelle Birahima. Suis p'tit nègre. Pas parce que suis black et gosse. Non! Mais suis p'tit nègre parce que je parle mal le français. C'é comme ça. Même si on est grand, même vieux, même arabe, chinois, blanc, russe, même américain; si on parle mal le français, on dit on parle p'tit nègre, on est p'tit nègre quand même. Ça c'est la loi du français de tous les jours qui veut ça* (KOUROUMA, 2000, p. 7). [...] *suis insolent, incorrect comme barbe d'un bouc et parle comme un salopard. Je dis pas comme les nègres noirs africains indigènes bien cravatés: merde! putain! salaud! J'emploie les mots malinkés comme faforo! (Faforo! signifie sexe de mon père ou du père ou de ton père.) Comme gnamokodê! (Gnamokodê! signifie bâtard ou batardise.) Comme Walahê! (Walahê signifie Au nom d'Allah.) Les Malinkés, c'est ma race à moi. C'est la sorte de nègres noirs africains indigènes qui sont nombreux au nord de la Côte-d'Ivoire, en Guinée et dans d'autres républiques bananières et foutues comme Gambie, Sierra Leone et Sénégal là-bas, etc* (KOUROUMA, 2000, p. 8).

Sobre essa relação estética que alguns autores africanos instauram com a língua do colonizador, Moema Parente Augel (2010) destaca que muitos deles buscam inserir especificidades culturais africanas através dessa segunda língua, tanto reterritorializando realidades socioculturais de seu meio de origem quanto transcrevendo simbolicamente sua mundividência.

Caminhando ainda nesta direção, Elisa Diallo (2012) acrescenta que tais estratégias discursivas são utilizadas para: reivindicar a africanidade de seus textos, dar voz a personagens não representados na historiografia ocidental, fornecer ao seu texto um caráter ancestral e, no caso do romance histórico, conferir uma certa veridicidade à enunciação.

Sendo assim, parece-nos coerente afirmar que a escrita de Ahmadou Kourouma, ao operar com a língua francesa e com a língua malinquê, confere a esse procedimento linguístico o desafio de contrapor sua linguagem poética à língua do colonizador, o que caminha em direção à reflexão de Casanova:

Resta, como se vê, que essa vontade de se impor pela reivindicação de uma diferença linguística no próprio âmago de uma língua literária principal é uma das grandes vias de subversão da ordem literária, isto é, e de maneira indissociável, de questionamento da ordem estética, gramatical, política, social, colonial, etc. (CASANOVA, 2002, p. 363).

Diante desses elementos, é pertinente inserir sua escrita no grupo dos escritores “revoltados” de que trata Casanova, em seu livro *A república mundial das letras*. Ao contrário dos “assimilados”, que buscam a todo custo apagar qualquer traço linguístico e cultural de seu lugar de origem para serem legitimados nos centros literários; os “revoltados” são aqueles que buscarão marcar um certo afastamento em relação à língua dominante (CASANOVA, 2002).

A presença de notas de rodapé na tradução brasileira

Haja vista que um outro objetivo do presente artigo é refletir sobre alguns aspectos da tradução brasileira do romance *Allah n'est pas obligé*, iniciaremos essa análise a partir do estudo referente às notas de rodapé. Para tanto, destacamos, primeiramente, que em relação às notas de rodapé como modalidade de paratexto, para Gérard Genette (1987), elas fazem parte de uma leitura facultativa, à medida que somente alguns leitores curiosos as leem para apreender considerações complementares. Por serem comentários exteriores à narrativa, elaborado ora por tradutores ora por editores, elas são tidas como um tipo de nota editorial (GENETTE, 1987).

No caso da tradução brasileira *Alá e as crianças-soldados*, todas as notas de rodapé foram realizadas pela tradutora Flávia Nascimento. Logo, o uso desse paratexto evidenciou a sua interferência como produtora e realizadora de um outro texto, o que colabora com a noção de texto traduzido como recriação.

Ademais, visto que as notas foram utilizadas de forma a guardar os aspectos estrangeiros da escrita de Kourouma, conclui-se que essa estratégia tradutológica condiz com o conceito de ética da diferença de Lawrence Venuti (2002), uma vez que há uma tentativa de proporcionar, ao leitor brasileiro, uma representação ampla da cultura de partida, mesmo que, para isso, precise ser “infiel” às normas culturais domésticas.

Vale destacar que, embora seja citado o conceito de ética da diferença de Venuti, estamos cientes de que o contexto do seu estudo se refere à cultura estadunidense dos anos 1990, com relação a culturas periféricas dos Estados Unidos. No caso da tradução do romance *Alá e as crianças-soldados*, ela foi traduzida no Brasil, país que está inserido no polo heterônimo, formado pelos campos literários nacionais pouco dotados ou em vias de constituição (CASANOVA, 2002). Além de ser tradução de um romance de um escritor também originário de um lugar pouco dotado de capital literário, como é o caso da Costa do Marfim.

Ao contrário do texto de partida que não tem nenhuma nota, o texto de chegada possui treze notas de rodapé que fazem referência a sete substantivos, cinco abreviações e uma locução adverbial. De forma geral, as notas fornecem ora informações complementares de aspectos culturais africanos e de produto e divisão espacial poucos conhecidos na cultura de chegada, ora de abreviações que fazem referência ao contexto africano e/ou francês.

Embora as notas do tradutor possam, em alguns casos, ser utilizadas para domesticar aspectos culturais e linguísticos para o contexto de chegada, no caso, as que foram inseridas na obra *Alá e as crianças-soldados* revelam ao leitor que o que ele está lendo é fruto de uma tradução. Isso ocorre dado à elucidação sobre alguns pontos de conflito que o leitor brasileiro poderia ter e à manutenção do registro adotado pelo escritor Ahmadou Kourouma.

A maior parte das notas faz referência a palavras que foram mantidas com a mesma grafia do texto de partida. Tal escolha estrangeirizadora nos parece ser a razão pela qual tais termos ganharam notas explicativas. Em apenas quatro das treze notas, a tradutora optou encontrar palavras equivalentes em língua portuguesa, no entanto, determinados

termos foram acompanhados de nota de rodapé pelo sentido de partida não ter sido alcançado no texto de chegada.

No caso da palavra *falatório*, traduzida de *palabre*, a nota de rodapé buscou esclarecer, inicialmente, que uma outra possibilidade de tradução seria *lengalenga*. Em seguida, o leitor foi informado sobre duas outras significações que esse termo pode ter no contexto africano: o de assembleia nacional e também para se referir aos presentes feitos pelos brancos aos chefes africanos.

Quanto à palavra *concessão*, traduzida de *concession*, a nota informou que o termo em língua francesa é mais voltado a uma noção de espaço em que várias famílias constroem suas moradias e certas dependências são comuns. Por sua vez, *concessão* em português tem o sentido de consentimento, permissão, transigência (HOUAISS, 2009). O uso dessa nota mostra que a tradutora buscou revelar a dificuldade de encontrar uma equivalência para o texto de chegada, optando deixar o leitor a par dessa distinção entre o termo no texto de partida e a escolha tradutológica realizada no texto traduzido.

Em relação à palavra *condado*, traduzida de *comtés*, o acréscimo da nota explicativa serviu para informar que, no contexto de partida, *comtés* faz referência a um tipo de divisão administrativa de certos países de tradição anglo-saxônica. Embora esse tipo de organização não faça parte de uma divisão administrativa do território brasileiro, é certo que, mesmo sem a nota, o leitor compreenderia que *condado* se refere a espaços geográficos.

No que diz respeito à locução adverbial *Beijou na boca*, traduzida de *embrasser sur la bouche*, ela ganhou nota explicativa em uma passagem do romance que fala do beijo entre dois ditadores. Por ser um gesto cultural da África negra, em que homens se beijam na boca quando eles querem demonstrar admiração um pelo outro, caso não houvesse tal nota, haveria, certamente, uma outra interpretação desse gesto na cultura de chegada.

Já as outras quatro palavras não foram traduzidas para o texto de chegada. As duas primeiras que ganharam notas de rodapé foram *grigris* e *griot*. No primeiro caso, mesmo sabendo que *grigris* já é uma palavra presente nos dicionários de língua portuguesa, a tradutora deu destaque tanto para o aspecto material do amuleto, que pode ser de origem africana ou antilhana, como para seu uso como objeto, que pode dar sorte ou azar. No segundo caso, a nota sobre a palavra *griot* abarca sua origem e as atribuições que lhe são dadas como depositário da tradição oral africana. Dado que ambas as palavras pertencem ao campo lexical de tradições orais presentes na escrita de Ahmadou Kourouma, a manutenção desses termos não deixa de ter sua relevância.

Outras palavras que permaneceram com a escrita tal qual o texto original foram *fonio* e *kaolin*. O contexto em que a palavra *fonio* está inserido permite ao leitor compreendê-la apenas como uma mercadoria. O uso da nota permitiu especificar que esse produto é um minúsculo grão comestível. Nessa mesma direção, insere-se a palavra *kaolin*, com a informação sobre a sua origem chinesa e sua composição de silicato de alumínio que dá um pó branco e quebradiço.

As outras notas de rodapé dizem respeito às abreviações pertencentes ao contexto de partida. Todas as cinco abreviações foram mantidas com a mesma grafia do texto original: CFA, CHU, ACNUR, AOF e ECOMOG. As notas trouxeram por extenso o significado da abreviação e, em outros casos, houve também o acréscimo de informações complementares. No primeiro caso, dentro do contexto em que a abreviação CFA está inserida, o leitor compreende apenas que se trata de uma moeda, a função da nota foi de informar o significado da sua abreviação (Francos da Comunidade Francófona Africana).

A abreviação CHU seguiu nessa mesma esteira. Para compreender que, no texto de partida, a abreviação faz referência a um centro hospitalar universitário, o leitor precisaria retornar ao início do parágrafo e deduzir que, pelo personagem Tiécoura ter sido hospitalizado, CHU faz referência ao hospital onde ele se encontra. Por não ter a mesma abreviação em língua portuguesa, infere-se que a tradutora acrescentou essa nota, para, de um lado, guardar a abreviação pertencente apenas ao contexto de partida e, ao mesmo tempo, esclarecer para o leitor do texto de chegada o seu significado.

A nota de rodapé referente à abreviação ECOMOG buscou não só trazer sua definição em inglês e em português, como também fornecer uma informação complementar sobre o governo do ex-ditador Taylor, que, em 2003, aceitou entregar a presidência da Libéria mediante um acordo regional, sob garantias das Nações Unidas, que prevê eleições no prazo de dois anos.

Já as abreviações ACNUR e AOF nos parecem ter recebido notas explicativas, porque, mesmo recorrendo ao contexto em que elas estão inseridas, os seus significados de Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados e África Ocidental Francesa, respectivamente, ficariam desconhecidos para o leitor.

Por fim, essa "voz" da tradutora no texto em português parece fazer um apelo à "estranheza do texto", de forma a apresentá-lo como uma tradução. Tal estratégia tradutológica vai, nitidamente, de encontro com escolhas que dão impressão de que o texto não passou por um processo tradutório, ao apagar tudo que se distancia do tempo, língua e cultura de partida.

O tratamento dado aos vocabulários e às expressões culturalmente marcadas em língua malinquê

À medida que Ahmadou Kourouma emprega um francês criouliizado, resultado da mistura da língua malinquê e da língua francesa, ele modifica e desfamiliariza essa segunda língua, ao lançar mão da oralidade e dos elementos vinculados à cultura malinquê. Pôde-se constatar na sua narrativa, por exemplo, o uso de palavrões em língua malinquê que foram mantidos no texto traduzido com a grafia original: *Faforo! Gnamokodé! Walahê!*. Esses termos permitiram ao leitor brasileiro entrar em contato com vocabulários malinquês que são proferidos pelo narrador Birahima em momentos de raiva, ou mesmo quando ele ironiza a posição hegemônica da língua francesa.

Essas palavras são mencionadas frequentemente ao longo da narrativa e são acompanhadas por palavrões que, embora estejam escritos em língua francesa, são construídos seguindo a sintaxe da língua malinquê: *cul de mon papa!* (caralho do meu pai!), *bâtard de bâtardise* (filho-da-puta da puta-que-pariu), *cul de mon père* (caralho do meu pai), *putain de ma mère* (puta-que-pariu), *sexe de mon père* (sexo do meu pai).

Ademais, palavras em língua malinquê, como: *gbaka, maku, bangala e gnussu-gnussu, nababo, nyamans, Alá Kubarou e bissimilai, Chi Alá la ho, Bisi milai ramilai, hadjis, el-kabir, moro-naba e almamy*, foram mantidas tal como no original e, logo em seguida, ganharam definições através da estrutura de parênteses explicativos que também fazem parte da estrutura do texto de partida.

A manutenção desses vocabulários em língua malinquê nos leva a afirmar que essa escolha tradutológica vai, como no caso das notas de rodapé anteriormente analisadas, de encontro com a tradução fluente, em que o leitor já está familiarizado tanto com o léxico, como com os próprios códigos e ideologias da cultura estrangeira.

Há também palavras, por exemplo, *nyamans*, oriunda do campo religioso, as quais não sofreram adaptação ao gosto do país de chegada, conferindo novamente à tradução brasileira um distanciamento em relação às traduções domesticadoras que apagam aspectos estrangeiros da obra, ao assimilar textos literários estrangeiros a diferentes valores dominantes locais (VENUTI, 2002). Ainda nesse campo da religiosidade africana, foram também mantidos termos da religião mulçumana, como *Alá Kubarou e bissimilai*. Nesse caso, foi alterado apenas a ortografia da palavra *Koubarou* por *Kubarou*, de forma a reproduzir o mesmo fonema original na língua portuguesa.

Outra oração muçulmana que foi mantida no texto traduzido foi *Chi Alá la ho*. As palavras *hadjis* e *el-kabir* também fazem parte do campo religioso que permaneceu no texto traduzido. A primeira com a grafia tal qual o texto de origem e a segunda *el-kabeir* foi traduzido por *el-kabir*, de forma a recuperar o som da palavra no original.

Essas mesmas alterações ortográficas e de acentuação foram também utilizadas em relação aos nomes de lugares e aos nomes próprios. As modificações dizem respeito à grafia "ou" que foi substituída por "u" e também algumas palavras acentuadas que ora o acento foi substituído por outro, ora a palavra perdeu o acento no texto traduzido. Em ambos os casos, as modificações serviram para que o mesmo som da palavra no texto de partida permanecesse no texto de chegada.

É válido destacar que alguns termos que dizem respeito às diferentes etnias africanas sofreram também alterações ortográficas e/ou mudanças de acentuação, por exemplo: *mendés–mendes*, *horodougou-horodugu*, *dioulas-diúlas*, *sénoufos-senufos*, *yacous-yacus*, *guérés-guerês*, *malinkés-malinquês* e *konaté-Konatê*.

Esse artifício de fazer pequenas modificações na grafia de palavras estrangeiras, de forma a guardar o som da palavra original no texto em português, foi utilizado ao longo de todo o texto, seja nas palavras em língua francesa como em língua malinquê. Embora as adaptações para o texto de chegada sejam apreendidas como um mecanismo de domesticação, esses dois casos de mudança de grafia permitiram ao leitor ter acesso à pronúncia original das palavras do texto de partida. Logo, manter tais nomes no texto de chegada é levar em consideração o texto estrangeiro e seus elementos subjacentes, respeitando a diferença e a alteridade do texto de partida e, conseqüentemente, permitindo ao leitor brasileiro perceber a estrangeiridade e o sentido simbólico da escrita de Ahmadou Kourouma.

Quanto às expressões identificadas em língua malinquê, apreendeu-se que todas foram traduzidas de forma literal (Quadro 2). Por elas pertencerem apenas ao contexto cultural de partida, a escolha da tradutora em não fazer uso de equivalências em português brasileiro permitiu, devido à desfamiliarização do leitor brasileiro com essas expressões estrangeirizadoras, a criação de novos valores culturais no contexto chegada. Para citar alguns exemplos:

Quadro 2 - Tradução das expressões culturalmente marcadas pertencentes à cultura malinquê

Expressão	Texto de chegada	Texto de partida
-----------	------------------	------------------

Errado que nem barba de bode.	[...] sou insolente, errado que nem barba de bode e falo como um filho-da-mãe (p. 10, grifo nosso).	[...] suis insolent, incorrect comme barbe d'un bouc et parle comme un salopard (p. 8, grifo nosso).
Não vale nem um peido de uma velha.	...E dois...Não fui muito longe na escola; parei no segundo ano primário. Caí fora da escola porque todo mundo disse que a escola não vale mais nada, não vale nem um peido de velha . (É assim que a gente diz em negro preto africano nativo quando uma coisa não vale nada. A gente diz que não vale nem um peido de velha porque um peido de velha estropiada e fracota não faz barulho nem fede (p. 9-10, grifo nosso).	...Et deux...Mon école n'est pas arrivée très loin ; j'ai coupé cours élémentaires deux. J'ai quitté le banc parce que tout le monde a dit que l'école ne vaut plus rien, même pas le pet d'une vieille grand-mère . (C'est comme ça on dit en nègre noir africain indigène quand une chose ne vaut rien. On dit que ça vaut pas le pet d'une vieille grand-mère parce que le pet de la grand-mère foutue et malingre ne fait pas de bruit et ne sent pas très, très mauvais). (p. 7, grifo nosso).
Broa queimada.	A gente sabe um pouco, mas não o bastante; a gente parece aquilo que os negros africanos nativos chamam de broa queimada dos dois lados . (p. 10, grifo nosso).	On connaît un peu, mais pas assez ; on ressemble à ce que les nègres noirs africains indigènes appellent une galette aux deux faces braisées . (p. 8, grifo nosso).
Essa pessoa é capaz de te botar uma abelha viva dentro do olho arregalado.	O mais engraçado é que entre essas crianças-soldados tem meninas, isso mesmo, meninas de verdade que têm uma kalach, que bancam o jiriogote com as kalachs. Não tem muitas. São as mais cruéis; capazes de te botar uma abelha viva dentro do olho arregalado . (Quando alguém é muito malvado, os negros africanos pretos dizem que essa pessoa é capaz de te botar uma abelha viva dentro do olho arregalado .) (p. 55, grifos nossos)	Le plus marrant c'est que, parmi ces enfants-soldats, il y a des filles, oui des vraies filles qui ont le kalach, qui font le faro avec le kalach. Elles ne sont pas nombreuses. C'est les plus cruelles ; ça peut te mettre une abeille vivante dans ton œil ouvert . (Chez les nègres africains noirs, quand quelqu'un est très méchant, on dit qu'il peut mettre une abeille vivante dans un œil ouvert .) (p. 52, grifos nossos).
Meus lábios tremiam que nem o furico de uma cabra esperando o bode.	Uma das crianças-soldados engatilhou a kalach apontando para a minha bunda e ordenou: "Engole! Engole!" E eu fiquei maku. Eu estava tremendo, meus lábios tremiam que nem o furico de uma cabra esperando o bode . (Furico significa ânus, traseiro.) Eu estava com vontade de fazer xixi, de fazer cocô, de tudo isso e mais ainda. Walahê! (p. 58, grifo nosso).	Un des enfants-soldats a braqué le kalach dans mon cul et m'a commandé « Avale, avale » et je me suis makou. Je tremblais, mes lèvres tremblaient comme le fondement d'une chèvre qui attend un bouc . (Fondement signifie anus, fesses.) J'avais envie de faire pipi, de faire caca, de tout et tout. Walahê ! (p. 56, grifo nosso).

<p>Botar a mão no cangote.</p>	<p>Minuciosas buscas permitiram tirá-lo da tocaia, e botar a mão no cangote dele. (Botar a mão no cangote significa deter alguém). Prenderam ele (p. 67, grifos nossos).</p>	<p>Des minutieuses recherches ont permis de le dénicher, de mettre la main à son collet. (Mettre la main au collet, c'est arrêter.) On l'a enfermé (p. 65, grifos nossos).</p>
<p>Eles eram feios e sujos que nem o cu da hiena.</p> <p>Ter mandíbulas completamente desdentadas, que nem o traseiro de um chimpanzé.</p> <p>Eles andavam que nem caramujos, apoiados em bastões.</p>	<p>Os bubus deles eram nojentos, eles eram feios e sujos que nem o cu da hiena. De tanto que eles mastigavam noz-de-cola, dois tinham as mandíbulas completamente desdentadas, que nem o traseiro de um chimpanzé. [...] Eles andavam que nem caramujos, apoiados em bastões (p. 26, grifos nossos).</p>	<p>Leurs boubous étaient dégoûtants, ils étaient vilains et sales comme l'anus de l'hyène. Tellement ils croquaient des colas que deux avaient les mâchoires nues, complètement, comme les séants d'un chimpanzé. [...] Ils marchaient comme escargots, cassés sur bâtons (p. 24, grifos nossos).</p>
<p>Ter uma bela дума mordida sem dentes.</p>	<p>Portanto, enquanto a corrupção continuava e os golpes de Estado em cascata se sucediam, preparava-se incognitamente, Walahê! - mas incognitamente mesmo (incognitamente significa secretamente, às ocultas), contra o regime podre e criminoso de Serra Leoa uma bela дума mordida sem dentes. (Entre os negros africanos, chama-se mordida sem dentes uma surpresa desagradável, que morde sem ter dentes.) (p. 168, grifo nosso).</p>	<p>Donc, pendant que la corruption continuait et que les coups d'État en chapelet se succédaient, se préparait en catimini, Walahê!, vraiment en catimini (catimini signifie en cachette), contre le régime pourri et criminel de Sierra Leone ce qui mord sans avoir de dents. (Chez les nègres africains, on appelle une surprise désagréable ce qui mord sans avoir de dents.) (p. 164, grifo nosso).</p>

Fonte: Edição de bolso Seuil (2000) e edição brasileira (2003).

Como observado, essas expressões não são utilizadas no contexto brasileiro. Em todas elas, haveria possibilidade de domesticá-las para o português, mas a escolha de mantê-las com a estrutura e a referência cultural da língua malinquê dotou o texto de chegada de uma marca estrangeirizadora, visto que o leitor brasileiro está familiarizado com outras representações culturais. O que nos permite concluir que as opções tradutológicas utilizadas em relação às expressões culturalmente marcadas em língua malinquê primaram em guardar o aspecto estrangeirizador do contexto africano inscrito na obra de Ahmadou Kourouma, desviando-se das normas linguísticas dominantes que procuram traduzir a obra estrangeira de maneira que não se sinta a tradução (VENUTI, 2002).

Considerações finais

Para a presente análise, considerou-se que a tradução pode ser realizada de duas formas distintas: uma quando o texto é domesticado de tal forma que se apaga todo traço estranho à cultura de chegada, e a outra quando a tradução vai de encontro ao etnocentrismo e valoriza o intercâmbio de ideias, culturas e escritas.

Sobre a presença das notas de rodapé da tradutora, chegou-se à conclusão de que, dada a manutenção do caráter estrangeirizador da escrita de Ahmadou Kourouma, elas permitiram ao leitor brasileiro ter uma representação mais significativa da cultura de partida. Ademais, as notas deram maior visibilidade às estratégias utilizadas por Flávia Nascimento no processo de tradução.

Quanto às estratégias tradutológicas relacionadas à tradução de vocabulários e expressões culturalmente marcadas da língua malinquê, pode-se afirmar que elas foram mantidas no texto de chegada. Isso significa dizer que a tradução brasileira conseguiu capturar tanto os itens linguísticos e culturais do contexto africano como a estrutura da narrativa coloquial que caracterizam a escrita do autor. Caso esses aspectos não tivessem sido mantidos, ou tivessem sido adaptados ao gosto local, o leitor brasileiro deixaria de ter acesso ao aspecto estrangeiro presente no romance *Allah n'est pas obligé*.

Colaborando com a reflexão de Lawrence Venuti, que diz que um projeto tradutório pode se distanciar das normas domésticas, a fim de evidenciar a estrangeiridade do texto de partida e, conseqüentemente, permitir uma maior compreensão sobre as diversidades linguísticas e culturais, conclui-se que tanto a manutenção de vocabulários em língua malinquê como a tradução literal de expressões culturalmente marcadas contribuíram para enriquecer a cultura de chegada, na medida em que se fez uso de uma prática tradutória que produziu um texto que pode ser lido como uma fonte potencial de mudança cultural (VENUTI, 2002).

Diante da manutenção desses elementos estrangeiros, constatou-se que as estratégias discursivas utilizadas não foram voltadas a um público-leitor de massa, o que ratifica que escolhas tradutológicas são tomadas de decisão e de posicionamento, colaborando com a afirmação de Berman, que diz que, em tradução, não se pode ser neutro, mesmo quando se faz uso de metodologias e conceitos de base diversos (BERMAN, 2007).

Deixar as marcas da cultura de origem no texto traduzido e se afastar do português corrente são, igualmente, um exemplo do projeto minorizante de Lawrence Venuti, à medida que tais escolhas buscam desmascarar a ilusão de transparência em um texto

traduzido. Para mais, a tradução da obra de Ahmadou Kourouma também está inserida na conjuntura do discurso heterogêneo, inerente à tradução minorizante, porque a própria escolha de um texto estrangeiro para ser traduzido também pode evidenciar sua estrangeiridade, ao desafiar cânones domésticos para literaturas estrangeiras e estereótipos domésticos para culturas estrangeiras (VENUTI, 2002).

Referências

AUGEL, Moema Parente. A função simbólica e social da língua guineense na prosa e na poesia. In: SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Org.). **África, escritas literárias**: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010. p. 39-51.

BERMAN, Antoine. **L'épreuve de l'étranger. Culture et traduction dans l'Allemagne romantique**. Paris: Éditions Gallimard, 1984.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra, ou, o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BONNICI, Thomas. Problemas de representação, consolidação, avanços, ambiguidades e resistência nos estudos pós-coloniais e nas literaturas pós-coloniais. In: BONNICI, Thomas (Org.). **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009. p. 21-65.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASANOVA, Pascale. **La langue mondiale. Traduction et domination**. Paris: Seuil, 2015.

DIALLO, Elisa. **Tierno Monénembo**. Une écriture migrante. Paris, Karthala, 2012.

GASSAMA, Makhily. **La langue d'Ahmadou Kourouma ou le français sous le soleil d'Afrique**. Paris: Karthala 1995.

GENETTE, Gérard. **Seuils**. Paris: Éditions du Seuil, 1987.

HOUAISS, A. **Novo dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**: Nova Ortografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOUROUMA, Ahmadou. **Allah n'est pas obligé**. Paris: Seuil, 2000.

KOUROUMA, Ahmadou. **Alá e as crianças-soldados**. Tradução de Flávia Nascimento. São Paulo: Estação liberdade, 2003. (Coleção Latitude).

RAFAEL, Maria Teresa Rabelo; DANTAS, Marta Pragana Dantas. Literatura de língua francesa traduzida no Brasil: estudo de caso de uma editora independente. In:

DEPLAGNE, Luciana E. F. C.; DANTAS, Marta P.; XAVIER, Wiebke A. (Orgs.). **Tradução e transferências culturais**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013, v. 1, p. 56-76.

RAFAEL, Maria Teresa Rabelo. **Campo editorial e circulação da literatura de autoria africana de língua francesa no Brasil**: um estudo de caso das estratégias de tradução em *Alá e as crianças-soldados*, de Ahmadou Kourouma. 2019. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2019. Disponível em:

https://sigarq.ufpb.br/arquivos/201924203167d314341286a67f8d7430a/tese_de_M._Teresa_em_pdf.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

REIS, Luciana. Entendendo a Travessia: por uma tradução escreviente. In: CARRASCOSA, Denise (Org.). **Traduzindo no Atlântico Negro**: cartas náuticas afrodiáspóricas para travessias literárias. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017. p. 77-117.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: EDUSC, 2002.

Recebido em: 21/10/2022.

Aprovado para publicação em: 05/04/2023.